

## A BONECA ABAYOMI: ENTRE RETALHOS, SABERES E MEMÓRIAS

Edlaine de Campos **Gomes**<sup>1</sup>

Júlio **Bizarria**<sup>2</sup>

Célia **Collet**<sup>3</sup>

Marcos Vinícius **Sales**<sup>4</sup>

Elaborar um ensaio fotográfico sobre a boneca Abayomi nos remete aos caminhos que levaram à elaboração do projeto “Trinta anos de Bonecas Abayomi: nós de memória e arte”<sup>5</sup>. Inicialmente, partiu de uma curiosidade antiga da coordenadora da pesquisa somada à inesperada informação de que um de seus orientados de doutorado era filho<sup>6</sup> da criadora da boneca, Lena Martins. Este fato possibilitou o contato e a realização do projeto, que está em andamento. Havia o desejo de contar a história da Abayomi, sob a perspectiva de Lena Martins, produzindo documentos que pudessem registrá-la. Parecia ser o momento propício para realizar tal iniciativa, já que em 2017 a boneca completa trinta anos. Trata-se, assim, de um primeiro trabalho realizado pelos componentes da pesquisa, com o intuito de apresentar questões que orientam nosso percurso<sup>7</sup>. Pretende-se refletir sobre o processo de criação e transmissão do saber-fazer das bonecas Abayomi, concebidas como linguagem artística e cultural, considerando que sua confecção se caracteriza como experimentação criativa e identitária, inserida no campo de lutas produzidas pelo movimento de mulheres negras, no Rio de Janeiro.

A narrativa de sua criação remonta a um período marcado pela efervescência de movimentos sociais no país, nos anos 1980, momento de redemocratização, debates em torno de uma nova Constituição e dos cem anos da Abolição da escravidão, ambos culminando em 1988. No ano anterior, 1987, a Abayomi começa a tomar forma. Waldilena Serra Martins, mais conhecida como Lena Martins, integrava o Movimento de Mulheres Negras e trabalhava como coordenadora de animação cultural no Centro

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil.

<sup>3</sup> Universidade Federal Fluminense, Brasil.

<sup>4</sup> Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil.

<sup>5</sup> Pesquisa financiada pelo Programa de Estímulo à Criação, Experimentação e Pesquisa Artística (Edital Faperj nº 02/2016), sob coordenação de Edlaine de Campos Gomes, tendo como bolsista Lena Martins. O projeto conta com uma equipe diversificada, composta pelos autores deste ensaio.

<sup>6</sup> André Jacques Martins Monteiro, doutor em Memória Social (PPGMS/UNIRIO).

<sup>7</sup> Estão realizados encontros, reuniões, oficinas, com registros fotográficos e fílmicos. O intuito é a realização de um documentário sobre a trajetória da artista e da Abayomi.

Integrado de Educação Pública — CIEP — Luís Carlos Prestes. A artesã desenvolveu a técnica da boneca negra de pano, sem costura ou cola, naquele mesmo ano. Os materiais utilizados eram retalhos, tidos como restos, descartes de fábricas e confecções.

A criação da boneca teve lugar em Jacarepaguá, entre o Jardim Boiúna e a Cidade de Deus, na cidade do Rio de Janeiro. No primeiro tinha uma oficina de experimentos com muitos retalhos de tecidos, malhas e vários apetrechos. O Projeto Especial de Educação dos CIEPs apresentava o cargo de Coordenador de Animação Cultural, designando seus ocupantes como atores decisivos na articulação do aparelho escolar com a comunidade. Na Cidade de Deus, oficinas eram ministradas no CIEP Luís Carlos Prestes, lugar central para a realização de atividades com a comunidade escolar e do entorno.



Tecidos – Matéria-prima para a confecção das bonecas Abayomi.

**Fotografia:** Edlaine Gomes.

Inseridos na proposta educacional idealizada pelo sociólogo Darcy Ribeiro para os CIEPs, em meados da década de 80, os Animadores Culturais ocupavam a função de

mediadores entre a cultura local e a atuação pedagógica dessas estruturas escolares. Foi ao longo do exercício desta função, no referido CIEP da periferia do Rio de Janeiro, cujos estudantes eram, em grande maioria, afrodescendentes, que Lena Martins identificou a carência de referenciais lúdicos e formativos que retratassem e espelhassem de forma digna os diversos elementos culturais de matriz africana que compunham a sociedade brasileira. Lena Martins empreendeu, assim, o contato com a comunidade escolar, principalmente com as crianças, que ocorria particularmente com a realização das oficinas de palha de milho. Concomitantemente, a escola abria suas portas nos finais de semana, ao menos uma vez por mês, para a reunião de mulheres negras que se organizavam para o *1º Encontro Nacional de Mulheres Negras*. No mesmo momento, se organizavam para a marcha que buscava marcar os cem anos da Abolição. A ecologia era outro tema que também perpassava a proposta da Abayomi. A reciclagem e a destinação do lixo, temas que iriam culminar na ECO-92, tornaram-se cada vez mais presentes nas discussões sobre desenvolvimento sustentável.

De acordo com análise de Silva (2008: 6), “*o desafio era revogar a ideia de que resto é lixo, coisa imprestável. O lixo, não como fim, mas como o começo de um novo ciclo, exercício simbólico da noção ancestral de que a vida é cíclica: onde se encerra se recomeça*”. Estudos como os de Goyena (2014), mostram que a matéria descartada oferece fragmentos que, renovados, reciclados, se transformam em novos objetos, seguindo fluxos e circuitos distintos daqueles originais e, mesmo, do fim que imaginamos ter os objetos descartados. Com efeito, é possível conceber a história da boneca Abayomi como um caso singular para a antropologia dos objetos, para os estudos da memória e para a afirmação social e política das mulheres negras.

Lena Martins tomou contato com os retalhos ainda na infância. Nasceu em 1950, em São Luís, no Maranhão, Nordeste do Brasil. Herdou da mãe, Maria Madalena, costureira, a criatividade e o gosto pelos tecidos e rendas. Foi morar no Rio de Janeiro em 1958, onde cresceu, formou família, criou os dois filhos e desenvolveu o ofício de artesã, fazendo roupas, sapatilhas, bonecas de palha de milho e as bonecas tradicionais brasileiras (bruxinhas de pano). Hoje, Lena vive em Santa Tereza, centro do Rio de Janeiro, e se dedica inteiramente às Abayomi, realizando oficinas e exposições.



Materiais e modos de fazer – Abayomi para restauração.

**Fotografia:** Júlio Bizarria e Edlaine Gomes.

Em pesquisa de design sobre a Abayomi, Langenbach (2008: 107) analisa a narrativa de Lena sobre o surgimento da boneca: a ênfase é em seu caráter singular e detentor de uma “aura”, que afetava a percepção das pessoas. Em suas palavras “*esse tipo de boneca de retalho, que Lena começou a fazer, causava um grande impacto onde ela chegava, encantando as pessoas que queriam comprar as bonecas, afirmando que elas tinham uma ‘aura’ e que eram muito expressivas*”. Há grande paradoxo nessa expressividade: é importante referir que, no rosto das bonecas, não há demarcação de olhos, nariz e boca, um gesto movido pelo propósito de favorecer o reconhecimento da identidade das múltiplas etnias africanas. O rosto é excluído da composição, *desfeito* de modo deliberado e eminentemente político.

As bonecas, que ainda não tinham um nome, e suas artesãs, que tinham vários, articulavam uma realidade subjetiva ao coletivo que pertenciam: é a história do nome Abayomi. No seio da primeira formação do grupo, surgida logo depois da oficina de boneca, no âmbito do projeto *Vamos Brincar de Quilombo*, a Abayomi ainda era identificada como *Boneca Negra Sem Cola ou Costura*. Regina Oliveira, Flavia Berton, Angélica Gomes, Maria dos Anjos e Liza Andrade foram as primeiras aprendizes. Foi no final do carnaval de 1988, voltando para casa com as primeiras integrantes do grupo e Ana Gomes, militante e professora, então grávida, que a ideia do nome surgiu. Ana havia dito que se tivesse um filho, ele se chamaria Abebe Biquila; se fosse menina, seria Abayomi, que significa “meu presente”, em Yorubá. Abebe nasceu e a boneca negra, feita de retalhos de pano, em uma costura de histórias pessoais, passou a ser chamada pelo nome que lhe conferiu identidade.



Conjunto de bebês Abayomi.

**Fotografia:** Edlaine Gomes.

Esse coletivo de mulheres inicialmente aprendia e fazia bonecas. O grupo foi ampliado com a participação de Sonia Santos Silva, Maria Luiza Borba, Shirley Brito, Maria José Garcia, Cristiane Ferraz e Claudia Nogueira, que atuava como secretária. Foi então que esse grupo de mulheres se organizou oficialmente como Artesãs Livres Associadas, tendo como nome fantasia Coop Abayomi. Nesse coletivo maior foram realizadas exposições, oficinas, cursos, e também o Cortejo Brincante Abayomi.

O envolvimento das artesãs com a boneca Abayomi pode ser explicado, certamente, pelo ambiente político que lhe dá ensejo: os anos 1987 e 1988, parte de uma década decisiva em sua totalidade, foram marcantes para o debate sobre relações raciais no país. Havia uma intensa movimentação em torno dos preparativos para os “Cem anos da abolição”. O questionamento em relação à Lei Áurea, que culminou com a *Marcha contra a farsa da abolição, da democracia racial e da desigualdade social*, unificou diversas vozes do movimento negro e de outros segmentos, e trouxe a temática do racismo para o debate público (Carvalho, 1999; Pereira, 2010). Nesse âmbito, surge também o movimento de mulheres negras, do qual Lena Martins faz parte. Entre várias estratégias de se repensar a identidade negra, tendo como fundamento o resgate e a memória baseada na afrocentricidade (Asante, 2009), emerge a oficina de confecção da

Abayomi, que pode ser entendida como exercício de transmissão de uma memória a ser reconstruída. Neste sentido, pode ser útil a concepção de “memória social” como fruto de uma construção coletiva do passado, elaborada no presente pelos indivíduos de um determinado grupo, e não apenas uma expressão cristalizada do que aconteceu (Halbwachs, 1952; 2008). Em vários momentos de suas obras, o autor observa que a memória é ativa, há versatilidade e adaptabilidade das lembranças, o que parece obedecer às necessidades dos grupos nas diferentes épocas.



Abayomi em miniatura.  
**Fotografia:** Júlio Bizarria.

Foram 16 anos de atividades realizadas: exposições, cursos, oficinas e calendários. O grupo começou com quatro mulheres, chegando a ter 15 pessoas, participando de eventos nacionais e internacionais. Mas, aos poucos foi se desfazendo, à medida em que cada integrante passou a buscar outros rumos, respondendo às demandas de suas profissões, dentre elas educadoras, trapezistas, palhaças, gestoras e terapeutas.

Fica evidente que as Abayomi não podem ser compreendidas simplesmente em sua qualidade de objetos (objetalidade): elas são, também, processo de articulação e socialização técnico-mnemônico que conduz a uma variedade muito maior de produtos culturais. No período de conformação do grupo foram criados novos formatos de bonecas e outras atividades, como a oficina do bebê Abayomi, o calendário cultural, exposições com instalações, o curso “Mania de Criar”, e mais tarde, em 1999, o Cortejo

Brincante Abayomi. Esta atividade é um espetáculo teatral de rua que visa estimular a memória afetiva e a integração dos participantes, trazendo elementos presentes na cultura popular brasileira, banho de cheiro, folgedos, cânticos. É com os restos de tecidos que se faz a Abayomi, que se torna símbolo da vida, da memória e da história. O fortalecer a autoestima, na fala de Lena Martins, se relaciona com a história de subalternidade, esquecimento e lutas do negro no Brasil. Neste sentido, a confecção do corpo da Abayomi colabora com a percepção do próprio corpo de quem a faz e pode gerar um processo de reconstrução identitária, não só individual.



O bebê Abayomi em seu berço.  
**Fotografia:** Edlaine Gomes.

De acordo com Schilder (1968: 229), “a imagem do corpo ultrapassa as fronteiras da anatomia: um bastão, um chapéu, uma roupa qualquer, fazem parte dela também”. Marcas, gestualidade, expressões, objetos são constituintes, integram o corpo. Para o autor, quanto mais perto estes estão do corpo, mais incorporam suas características e são incorporados à sua imagem, assim “a imagem do corpo é capaz de abarcar os objetos e de se espalhar no espaço”. O trabalho intenso de Lena e suas aprendizes possui essa característica de, por meio de um objeto (a boneca), se espalhar

nos mais diversos contextos. É neste mesmo sentido que o objeto possui vida, capaz de transformar e se transformar.



O objeto vivo – Abayomi em contexto (Bumba-meu-boi).

**Fotografia:** Júlio Bizarria.

Sugerimos que essas artesãs da memória são comparáveis aos “mestres da arte”, na França, e aos chamados “tesouros humanos vivos”, programa promovido pela Unesco, embora possuam alcances e características distintas. A preocupação em valorizar e preservar o saber-fazer de pessoas consideradas “guardiãs da memória” desencadeou políticas internacionais específicas relativas ao patrimônio imaterial pela Unesco (2003)<sup>8</sup>. Abreu (2009: 93) observa que os mestres da arte são herdeiros de tradições culturais ao mesmo tempo em que são criadores de novas técnicas e obras de arte. Para a autora, “*são lugares de memória, elementos de ligação entre o passado e o futuro*”.

---

<sup>8</sup> Em documentos nacionais e internacionais o patrimônio imaterial é identificado como um conjunto de manifestações culturais, tradicionais e populares, que são transmitidas oral e gestualmente, considerando as mudanças e recriações. Compõem este tipo de patrimônio: as línguas, as tradições orais, os costumes, as artes da mesa, a dança, a música, os ritos, os festivais, o “saber-fazer” dos artesanatos, entre outros.

Um mestre da arte detém e transmite o saber, produzindo e transformando o produto de seu ofício. Os objetos de arte, como as Abayomi, não são simples exterioridades. As pessoas, e, neste caso específico, as mulheres negras, fazem arte para se construir e reconstruir lembranças, autoestima e identidade. O objeto e a pessoa se fazem reciprocamente. Os nós de que são feitas as bonecas atam o grupo de mulheres negras e estas a outras mulheres e quem mais deseja partilhar as vivências promovidas. O mesmo ocorre com as crianças que recebem e partilham o saber, o fazer, o contar, o estar junto. Os nós são resultados da ação das mãos, das palavras, da identificação social, de gênero e da ancestralidade. A delicadeza e a força da frase “o homem é um animal que pensa com seus dedos”, atribuída a Maurice Halbwachs por Marcel Mauss (cf. Warnier, 1999) expressa a potência e o vigor da feitura da boneca. A cada nó as bonequeiras vão se unindo e buscam (re) construir uma memória comum, incrustada nas trajetórias, nos corpos e no cotidiano das mulheres negras.

A multiplicação de diferentes versões sobre as Abayomi não deve, afinal, espantar: elas foram criadas há três décadas, mas sempre foram capazes de gerar a produção de memórias, uma mitopoética de origens, que produz sempre muito mais de um mito de origem, mas que ainda remete a um tempo distante, marcado pela violência da escravidão e da diáspora africana. Assim, de certa maneira, fortalecem os princípios que levaram à criação da boneca negra, feita sem cola ou costura.





Religião – Abayomi em contexto (Omulu, Yaô, Exu e São Jorge).  
**Fotografias:** Edlaine Gomes e Júlio Bizarria.

Vale inferir à Abayomi um caráter de objeto sagrado, que além de funcionar como expressão simbólica identitária, “organiza (na medida em que são categorias materializadas) a percepção que temos de nós mesmos” (Gonçalves, 2007: 27). É marcante na trajetória de Lena Martins e, conseqüentemente da Abayomi, a forte presença do Candomblé. Em seu processo criativo, as bonecas feitas de retalhos e nós, foram se desenvolvendo, se transformando e se complexificando em termos de técnica. Das primeiras bonecas, ainda rudimentares, mas não menos carregadas de sensibilidade e simbologias, surgiram as Abayomi Orixás, e outras que representam situações cotidianas. No entanto, os princípios do modelo original da boneca permanecem: mesmo com o refinamento da técnica, são negras, feitas de retalhos e nós, sem rosto. As trajetórias de Lena Martins e da boneca estão interligadas. Um dos desafios da pesquisa é refletir sobre como o saber-fazer-transmitir revela também a construção da identidade da ativista-artista, que engloba adesão ao movimento de mulheres negras e ao Candomblé.

O trabalho desenvolvido pela artista e pelas demais integrantes da Coop Abayomi, por conta da dinâmica realizada, baseada na transmissão do saber-fazer-transmitir, gerou vários multiplicadores. Às vésperas de completar trinta anos de criação, as diversas exposições contaram com cerca de cinquenta e cinco mil visitantes. Estima-se que vinte e cinco mil pessoas participaram da Oficina do Bebê Abayomi. Duas mil pessoas realizaram a oficina de miniaturas. São números significativos, que

evidenciam a importância da Abayomi como instrumento pedagógico de sensibilização concernente à identidade das mulheres negras.

Uma das principais atividades realizadas por Lena Martins é a Oficina do Bebê Abayomi, que é definida como uma dinâmica de sensibilização, com o objetivo de estimular o fortalecimento da autoestima e o reconhecimento da identidade afro-brasileira. Os participantes podem desenvolver a expressão criativa e a capacidade de cooperação, que são estimuladas por Lena Martins ou outra ministrante, com atividades lúdicas. Durante as atividades os participantes aprendem a confeccionar um bebê negro, utilizando a técnica Abayomi, com malha, tecido e ervas aromáticas, sem o uso de cola ou costura. Várias dessas oficinas podem ser acessadas em vídeos no *youtube* (como no site da Casa das Artes, disponível em [www.youtube.com/watch?v=8r9zRrSo1tw](http://www.youtube.com/watch?v=8r9zRrSo1tw)).

Uma das intenções da proposta é congrega o fazer criativo em grupo com a sensibilização, compartilhamento e reflexão sobre questões raciais. A Oficina do Bebê Abayomi acontece em ambiente previamente organizado, com cadeiras ou almofadas em círculo, tendo no centro os materiais e instrumentos que serão usados, dentre eles retalhos de pano, ervas aromáticas e tesouras. Estes materiais são agrupados em forma que remete a uma mandala, organizando os participantes no entorno. Atualmente Lena Martins dedica-se à Abayomi realizando Oficinas do Bebê, exposições e palestras contando a história desta arte negra, minicursos de miniaturas de bonecas em forma de imãs de geladeira e broches, assim como ilustração de livros de tecido, painéis, estandartes, além da transmissão restrita da arte Abayomi, ensinando as bonecas grandes preferencialmente para mulheres que se reconheçam como negras.



Mandala elaborada com os materiais utilizados nas oficinas do Bebê Abayomi.  
**Fotografia:** Edlaine Gomes.

Neste sentido, é possível dizer que as bonecas Abayomi integram o conjunto de símbolos que marcam a memória dos movimentos negros, marcadamente de mulheres negras, no Rio de Janeiro. A organização Artesãs Livres Associadas (Coop Abayomi), desde o início de suas atividades, passou a ser reconhecida como espaço de referência para artesãos da cidade e de outros lugares. Embora não exista mais como instituição, os trabalhos realizados por suas integrantes, repercutem ainda hoje. As Abayomi são conhecidas no âmbito nacional e internacional, e são imediatamente identificadas como importante expressão material do corpus da cultura afro-brasileira. Essas bonecas são inspiração para projetos sociais em outros estados brasileiros. O processo de transmissão do saber-fazer os diferentes modelos da boneca vem cumprindo há três décadas um papel social fundamental, no que concerne o fortalecimento da identidade e da luta das mulheres negras.



Abayomi – formas, tamanhos e representações.  
**Fotografias:** Edlaine Gomes.

## Referências

- ABREU, Regina. Quando as pessoas se transformam em patrimônio cultural. In: Abreu, Regina; Chagas, Mario. (Org.). *Memória e Patrimônio: Ensaio Contemporâneo*. 2ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009, v. 1, p. 83-97.
- ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009, pp. 93-110.
- CARVALHO, José Murilo de. *Pontos e Bordados: escritos de história e política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999, 1ª. ed., 459p.
- CARVALHO, Luciana Grether de Mello. *Abayomi: o design nas amarrações dos fios femininos na bandeira de uma cooperativa* / Luciana Grether de Mello Carvalho; orientador: Luiz Antônio Luzio Coelho – Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Artes & Design, 2006.
- CONVENÇÃO SOBRE A SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL. Paris, 29 de setembro a 17 de outubro de 2003.
- GONÇALVES, José Reginaldo. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. *Horizontes antropológicos*. Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 15-36, jan/jun 2005.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios*. Rio de Janeiro: IPHAN, 2007.
- GOYENA, Alberto. Espólio Arquitetônico: notas sobre a partilha, circulação e retorno do patrimônio demolido. *Pontourbe*. n.15, 2014.
- HALBWACHS, Maurice. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Presses Universitaires de France, Nouvelle édition, 1952.
- HALBWACHS, Maurice. *La Topographie légendaire des Évangiles en Terre Sainte. Étude de mémoire collective* Paris, PUF, 2008.
- LANGENBACH, M. L. Além do apenas funcional inovação social e design de serviços na realidade brasileira. 2008. 130 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) - COPPE/UFRJ, Rio de Janeiro, 2008.
- PEREIRA, Amílcar Araújo. *O mundo negro: a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil (1970-1995)*, 2010. 268 f. Tese de Doutorado — Universidade Federal

Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, Niterói, Rio de Janeiro, 2010.

SCHILDER, Paul. *L'image du corps*. Paris: Gallimard, 1968.

SILVA, Sonia Maria da. *Experiência Abayomi: cotidianos: coletivos, ancestrais, femininos, artesanando empoderamentos*. Orientadora: Regina Leite Garcia. Niterói RJ/UFF, 2008. Dissertação (Mestrado em Educação). 147 p.

WARNIER, Jean-Pierre. *Construire la culture matérielle*. Paris: Presses Universitaires de France, 1999, pp. 21-35.

Recebido em: 17/05/2017.

Aprovado em: 06/08/2017.